

ISSN 2318-3985  
Volume 7 Número 13  
Jan - Jun 2019



**AS RELAÇÕES DE SUBALTERNIDADE EM  
*PRECISAMOS DE NOVOS NOMES E GAROTA,*  
TRADUZIDA**

Gabriella Gargalhão Antunes

## AS RELAÇÕES DE SUBALTERNIDADE EM *PRECISAMOS DE NOVOS NOMES E GAROTA, TRADUZIDA*

**Gabriella Gargalhão Antunes**

Graduanda em Letras Português-Inglês pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Bolsista PIBIC de Iniciação Científica no projeto "Migração, identidade e memória: representações do imigrante na literatura contemporânea em língua inglesa", coordenado pela Profa. Dra. Shirley Carreira.

**RESUMO:** A proposta deste trabalho é analisar dois romances contemporâneos, *Precisamos de novos nomes* e *Garota, traduzida*, ambos construídos como versões contemporâneas do romance de formação, na perspectiva das relações de subalternidade geradas pelos processos migratórios. Ao focalizar a condição específica da migração, questões sociais de exclusão, preconceito e reconstrução da identidade são abordadas..

**Palavras-chave:** Relações de subalternidade; migração; romances de formação.

### INTRODUÇÃO

*Precisamos de Novos Nomes*, NoViolet Bulawayo e *Garota, Traduzida*, Jean Kwok, são romances que inserem-se no *bildungsroman*, um termo literário alemão que pode ser traduzido por romance de formação e refere-se ao desenvolvimento de personagens geralmente desde sua infância até a idade adulta dentro de uma narrativa. De acordo com o E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia<sup>1</sup>, o conceito geralmente é atribuído ao desenvolvimento da vida da personagem em envolvimento com diferentes experiências sociais.

As protagonistas das obras são Darling e Ah-Kim, duas meninas que são também as narradoras de suas histórias. Ambas narrativas enfocam o desenvolvimento das personagens partindo de uma experiência em comum: a imigração. Na temática da migração, questões sociais de exclusão, preconceito e reconstrução da identidade são abordadas.

As autoras Jean Kwok e NoViolet Bulawayo, nasceram em Hong Kong e Zimbábue, respectivamente. Ambas passaram pela experiência de migração para os Estados Unidos, tendo, portanto, vivenciado o que lhes serve de matéria para a ficção. Jean Kwok migrou com a sua família enquanto ainda era criança, em busca de uma vida melhor. NoViolet Bulawayo deixou seu país aos 18 anos, por dificuldades políticas e econômicas.

<sup>1</sup> Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/bildungsroman/>

Conforme citado acima, as questões da subalternidade e exclusão do migrante em um novo país estão sendo cada vez mais abordadas na literatura contemporânea em língua inglesa, como uma forma de dar voz a esses sujeitos. Neste trabalho, propomos o exame do modo como ocorrem essas relações de exclusão e subalternidade nos dois romances mencionados, bem como uma breve análise da reconfiguração identitária sofrida pelas personagens como um resultado dessas construções. Muito embora a reconfiguração não seja elemento central, não pode ser esquecida.

## O MUNDO QUE CONHECEMOS: PRECISAMOS DE NOVOS NOMES

Dos dois romances que formam o corpus literário deste trabalho, apenas um aborda em detalhes a vida da protagonista em sua terra natal: *Precisamos de Novos Nomes*.

O romance é dividido em duas partes, na primeira Darling narra como é a sua vida no lugar em que vive, denominado Paraíso. No primeiro capítulo, a menina e seus amigos Bastard, Chipó, GodKnows, Shbo e Stina vão em busca de goiabas em Budapeste. Em meio à conversa das crianças e suas descrições acerca da vida que levam e como desejam melhorar, percebemos como vivem em situação de miséria:

Tem goiabas para roubar em Budapeste, e neste momento eu morreria por umas goiabas. Não comemos nada esta manhã, e é como se alguém tivesse apanhado uma pá e cavado meu estômago, tirando tudo lá de dentro (BULAWAYO, 2014, p. 9).

Durante toda a primeira parte do romance Darling retrata as dificuldades da sua comunidade, tais como as casas em situações precárias em que mal cabiam os adultos, a fome que todos enfrentavam, um acontecimento específico com Chipó, uma menina de 11 anos grávida do seu próprio avô. Os problemas sociais são minuciosamente relatados por Darling, como o Profeta Revelations Bitchington Mborro, que se aproveita financeiramente e sexualmente dos seus fiéis:

O Profeta Revelations Bitchington Mborro reza pela mulher desse jeito, deitado em cima dela e chamando Jesus e gritando versículos da Bíblia. Coloca as mãos na barriga dela, nas suas coxas, em seguida coloca as mãos naquele lugar dela e começa a esfregar rezando muito, como se houvesse algo de errado ali. Seu rosto está em chamas agora, brilhante (BULAWAYO, 2014, p. 41-42).

A AIDS também é um problema de seu país que é narrado pela menina. Seu pai, que abandonara a família para buscar uma vida melhor, retorna após anos sem dar notícias, severamente doente e prestes a morrer. Em uma tentativa de cura, a mãe de Darling e a Mother of Bones, uma matriarca da comunidade, recorrem ao Profeta Revelations Bitchington Mborro, que atribui a doença ao espírito do avô de Darling, que antes, segundo ele, estava abrigado no corpo da menina e agora se aposara do pai de Darling. O profeta cobra quinhentos dólares para ajudar, dinheiro que a família não possui.

Dessa forma, a primeira parte do romance demonstra sob o ponto de vista de uma criança, os problemas enfrentados em um país, as dificuldades políticas, sociais e econômicas.

## A CHEGADA A UMA NOVA PÁTRIA

Segundo Haesbaert e Bruce (2002, p. 8), os filósofos Deleuze e Guattari “afirmam que a desterritorialização e a reterritorialização são processos indissociáveis. Se há um movimento de desterritorialização, teremos também um movimento de reterritorialização”. As personagens passam por esses processos quando deixam seu país, rompem o vínculo com sua cultura e suas raízes, passando pela desterritorialização, e, a partir do momento em que se encontram em um novo lugar, são obrigadas a se adaptar a novas regras sociais, passam pelo processo de reterritorialização.

Em *Garota, Traduzida* (2011) a protagonista emigra de Hong Kong com a ajuda da sua tia Paula para tentar uma vida melhor juntamente com sua mãe nos Estados Unidos. Embora as promessas de sua tia sejam as melhores, o que mãe e filha encontram não condiz com o que esperavam. As duas são levadas a morar em um apartamento em condições precárias, infestados de ratos e baratas, enfrentando o devastador frio dos EUA, como podemos observar na passagem a seguir:

Mesmo com spray, era impossível exterminar as baratas. Pulverizamos todas as fendas e cantos, enfiamos bolas de naftalina entre nossas roupas e as espalhamos em volta do colchão, formando um denso anel. Apesar de tudo, cabeças marrons com antenas balançantes apareciam em cada fresta (KWOK, 2011, p. 18).

Além da falsa proposta de uma vida melhor, dada pela sua tia, Ah-Kim trabalhava com sua mãe na fábrica de seus tios após a escola. O trabalho não era valorizado e o salário era mínimo, tornando a sua vida e de sua mãe ainda mais difícil. Kim sentiu uma imensa dificuldade com a língua, o que a fez se sentir à margem nesse novo país.

Ao chegar à escola, Kim não é bem acolhida, exceto Annette que acaba se tornando sua melhor amiga. Contudo, a protagonista acaba mentindo para sua única amiga nos Estados Unidos sobre as condições em que realmente vive. Ah-Kim se sente envergonhada por viver em condições precárias nesse novo país. Nesta passagem percebemos como Kim tenta evitar que a mãe de Annette veja a sua casa:

Quando a Sra. Avery me levou em casa, pedi que ela me deixasse na escola. – Não, querida, vou deixar você em casa - disse ela – Só me diga onde você mora. Eu trabalho parte do tempo como corredora de imóveis, posso encontrar qualquer lugar. – Na escola está bom – menti – A mãe espera na escola (KWOK, 2011, p. 57).

Assim como Ah-Kim, em *Precisamos de novo nomes*, Darling também passa por um estranhamento ao chegar aos Estados Unidos. Ainda na primeira parte do romance, quando brincava dos jogos dos países com seus amigos no Paraíso, Darling tinha uma enorme devoção pelos EUA, no jogo, o país era considerado como um dos melhores, um “país-país” (BULAWAYO, 2014, p. 48). Entretanto, logo nos primeiros dias com a sua tia Fostalina, que já vivia lá há anos, com seu marido Kojo e seu filho TK, a menina sente instantaneamente que aquela não parecia a “sua América”:

Com toda essa neve, com o sol longe daqui, com o frio e a tristeza, este lugar não parece a minha América, não parece nem mesmo que é real. É como se a gente tivesse numa história terrível, em partes malucas da Bíblia, em que Deus está culpando e punindo as pessoas por seus pequenos pecados e fazendo com que se sintam infelizes com este clima (BULAWAYO, 2014, p. 135).

Quando Darling falava com seus amigos que ainda estavam no Paraíso, ela omitia o que podia sobre as mazelas sociais existentes nos Estados Unidos, pois não queria que soubessem como a América que ela tanto prezava não era tão perfeita como no sonho:

Não contei pra eles como, nas noites de verão, tinha às vezes o pá-pá-pá de tiros na vizinhança, e eu tinha de ficar em casa, com medo de sair [...] Eu deixava essas coisas de fora, e muitas outras mais, porque elas me envergonhavam, porque faziam com que a América não parecesse com a Minha América, aquela com a qual eu sempre tinha sonhado no Paraíso (BULAWAYO, 2014, p. 167).

A protagonista se referia à cidade de Detroit, cidade a qual sua tia Fostalina morava, como Destroyedmichygen, palavra quase homófona na junção de Detroit e Michigan, como apontada em nota na versão em português do romance de 2014. Sendo Detroit uma cidade decadente dos Estados Unidos, percebemos um trocadilho com as palavras, talvez apontando a decepção vivida por Darling.

## SUBALTERNIDADE E EXCLUSÃO: RELAÇÕES INDISSOCIÁVEIS

O sujeito subalterno é definido por Gayatri Spivak em seu artigo *Pode o Subalterno Falar?* (2010) como não somente os sujeitos oprimidos e subordinados, mas também a sujeitos das “camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p. 12). Essa definição da subalternidade de Spivak torna-se relevante para analisarmos como esse processo de subalternizar o sujeito, ocorre no meio da imigração nos romances.

A exclusão ocorre de maneira indissociável à subalternidade, surgindo como consequência. Sujeitos subalternos acabam sendo marginalizados e excluídos, o que afeta de maneira direta o seu desenvolvimento como indivíduo e sua identidade.

Na primeira parte do romance de Bulawayo, Darling e seus amigos são abordados por integrantes de uma ONG, que dessa vez demoraram a aparecer. Eles começam a tirar fotos das crianças sem se importarem, com as condições deles. Muito embora isso não esteja explícito no romance, as fotos provavelmente seriam utilizadas para divulgar a miséria na África, generalizando e mostrando crianças sem ao menos divulgar seus nomes, representando assim a condição do subalterno que não possui nenhuma voz. Darling possui uma inocência com o que provavelmente acontecerá com as fotos, ela e os amigos pensam nos presentes que as pessoas da ONG os entregavam:

Depois que a gente senta, o homem começa a tirar fotos com sua câmera grande. Eles só gostam de tirar fotos esse pessoal da ONG, como se a gente fosse talvez amigos e parentes deles de verdade e eles fossem olhar para as imagens mais tarde [...] A gente não reclama porque nós sabemos que depois das fotografias vêm os presentes (BULAWAYO, 2014, p. 51).

No romance de Kwok, tia Paula diz a Ah-Kim que ela precisa adotar um nome mais americano possível, caso contrario ela não seria aceita na sociedade e sofreria com o julgamento das pessoas. O que retoma com a visão de que um sujeito não pode ser ele mesmo, sendo pertencente de uma camada social mais



desvalorizada, levando a exclusão e a marginalização. Assim, Ah-Kim passou a ser chamada de Kimberly:

[...] Mas irmãzinha, agora você deve chamar a menina pelo nome americano: Kimberly. É muito importante ela ter o nome mais americano possível. Senão, as pessoas vão pensar que vocês acabaram de descer de um barco! – disse tia Paula, rindo (KWOK, 2011, p. 13).

Darling e Kimberly passam pelas mesmas dificuldades quando começam a frequentar a escola. As meninas enfrentam o preconceito por parte dos alunos e, em um dos casos, até dos professores. Os outros alunos reagem mal à chegada das meninas à escola. Eles as tratam como seres inferiores. Em sua narrativa sobre o primeiro contato com a escola, Darling, retrata com horror o que passou:

Quando cheguei a Washington, queria morrer. As outras crianças implicavam comigo por causa do meu nome, do meu sotaque, do meu cabelo, do jeito que eu conversava ou dizia as coisas, do jeito que eu me vestia, do jeito que eu ria (BULAWAYO, 2011, p. 148).

Kimberly enfrenta situações de exclusão na escola principalmente por causa da língua inglesa. Problemas de comunicação entre ela e seu professor, causam desconfortos. Sendo Hong Kong uma ex-colônia inglesa, Kim recorda as suas aulas de inglês em sua antiga escola, onde o inglês ensinado era o britânico. A menina pede ao professor uma borracha, utilizando a palavra *rubber*, que no inglês coloquial norte-americano significa camisinha, ao invés de utilizar *eraser*. Todos os alunos riram de Kim, que se sentiu humilhada. As dificuldades de Kimberly com o inglês davam a ela a sensação de impotência perante as outras crianças que tinham o inglês como língua materna.

Sendo a escola onde mais ocorrem as situações de exclusão e opressão contra Ah-Kim, um dos meninos que implicavam com ela a chama de “chinesa” para começar uma briga “[...] Ele esticou o pé. Desviei-me do pé dele e continuei andando. Ele se afastou da mesa e ficou de pé, fazendo ranger as pernas da cadeira. – Ô, chinesa. [...]” (KWOK, 2011, p. 73). O intuito era envergonhar Kimberly por ela ser estrangeira, pontuando que ela era diferente de todo o resto. A briga seria uma forma de demonstrar que ele fazia parte da cultura dominante e deveria vencê-la a qualquer custo. Entretanto, já demonstrando uma personalidade forte, Kimberly não foge da briga.

Além das situações relacionadas à sua chegada e exclusão nos Estados Unidos, Kimberly também se envolve com Matt, um menino da fábrica em que trabalha. Embora o amor entre eles seja verdadeiro, ela teria de ser duplamente subalterna (SPIVAK, 2010), pois ele não aceita o fato de Kim ter planos para o futuro e não querer se limitar a Chinatown.

Em *Precisamos de novos nomes*, a questão étnica também se torna um entrave. Há uma passagem do romance em que Darling, ao comparecer à cerimônia de casamento de um amigo da sua tia, encontra uma senhora no banheiro e é surpreendida com o discurso de que a África é um lugar bonito, mas não é compreensível que, nele, haja tamanha violência. Darling não entende o que a mulher fala, a que lugar essa mulher refere. É possível perceber que a falta de entendimento deriva do fato de que, para Darling, não existe apenas uma África. A generalização estereotipada da África como um lugar bonito e exótico, porém muito perigoso, causa surpresa:

Nem me diga. Cristo, os estupros, e todas aquelas mortes! Como essas coisas ainda podem estar acontecendo?, diz ela. Não consigo saber se é realmente uma pequena-pergunta ou se é uma pergunta que eu não preciso responder, mas no fim eu me ouço dizendo É, eu também realmente não sei. Então começo a secar as mãos (BULAWAYO, 2011, p. 157).

Segundo Carreira (2019, p. 152), Darling sofre uma dupla subalternidade, pois além de ser imigrante é africana e “tem de se defrontar com uma visão uniformizadora da África, que a pressupõe como um único lugar, ignorando as múltiplas culturas e etnias” e a vê como “um lugar emblemático por catástrofes, miséria e violência”.

Embora as protagonistas dos dois romances passem por situações de subalternidade e exclusão, a ênfase em cada um dos casos é diferente como vimos acima. A imigração provoca uma mudança identitária nas personagens, o que confirma a afirmação de Hall de que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2005, p. 13). Nos romances, o deslocamento e a reterritorialização faz com que as meninas mudem. Darling e Kimberly acabam por se adaptar novos padrões de comportamento, mesmo em meio a um difícil processo de adaptação agravado pela constância da memória.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois romances focalizam as relações de subalternidade, exclusão e preconceito estabelecidas nos processos migratórios até mesmo nos dias atuais. Kim e Darling, além de sofrerem com o silenciamento que é esperado pelas



outras pessoas, também passam pelo choque de cultura que, por migrarem enquanto crianças, afeta diretamente a formação de suas identidades.

Considerando todo estranhamento e as situações que as duas protagonistas vivenciaram, podemos perceber que as identidades vão se modificando. Em consequência ao choque entre as culturas, que começa a pesar na vida de ambas, elas são obrigadas a negociar com a cultura local e passam por um processo de distanciamento das próprias raízes. Ao fim, é possível observar que a terra natal passa a ser apenas uma lembrança e seus hábitos vão se modificando naturalmente.

Visto isso, a migração pode ser compreendida como um processo bastante complexo, um sujeito migrante de países periféricos nunca é imediatamente aceito no país de adoção, pois, conforme analisado anteriormente, os estratos sociais dominantes colocam esses sujeitos à margem. Entretanto, no caso das protagonistas elas acabam por adotar hábitos culturais dos países de adoção, o que colabora para que a condição subalterna seja ultrapassada.

### Referências Bibliográficas:

BULAWAYO, NoViolet. *Precisamos de Novos Nomes*. Trad. Adriana Lisboa. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. A reconfiguração da identidade cultural em *Precisamos de novos nomes*, de NoViolet Bulawayo. *Ilha do Desterro*, v. 72, n.1, p.145-157, Florianópolis, jan. /abr. 2019.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glaucio. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. *Geographia*, v. 4, n. 7, p. 7-22, 2002.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª Ed. Rio de Janeiro. DP&A. 2005

KWOK, Jean. *Garota, traduzida*. Trad. Paulo Afonso. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart de Almeida, Marcos P. Feitosa, André P. Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

### Relations of subalternity in *We need new names* and *Girl, translated*

**Abstract:** This work aims to analyze two contemporary novels, *We need new names* e *Girl, translated*, both built as contemporary versions of coming-to-age novels, in the perspective of relations of subalternity generated by migratory processes. By focusing the specific condition of migration, the social issues of exclusion, prejudice and the reconstruction of identity are dealt.

**Keywords:** Relations of subalternity; migration; coming-to-age novels.